



Somente hoje, no Cine Brasília, Nenê Bandalho, de Douglas Marques de Sá e Emílio Fontana. Grito de marginais

# Na tela Nenê Bandalho, o pai que embalou Pixote

Humano, violento, inesperado. A ordem dos adjetivos não altera o resultado, quando o assunto é Nenê Bandalho, um personagem que frequentou 15 linhas de uma página policial paulista no final da década de 60, alçou o espírito crítico de Plínio Marcos e entusiasmou o artista plástico Douglas Marques de Sá a transformar a pequena notícia em filme. Nenê Bandalho tem exibição única hoje, às 22 horas, no Cine Brasília, numa promoção do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal.

"O personagem é uma criação de Plínio Marcos", explica Douglas, um paulista de 53 anos, professor do Departamento de Desenho da UnB. "Um dia ele abriu o jornal e descobriu Nenê Bandalho. Ficou horrorizado. Se ele se chamasse só Nenê, já teria no nome a conotação de fragilidade. Nenê + Bandalho significava ser condenado duplamente — era o bandido frágil e infantil. Era o exemplo perfeito do maior dos pés-de-chinelo. O marginal dos marginais, resumindo".

A história da transposição de Nenê Bandalho da página policial para a tela obedece a uma trajetória sinuosa, inesperada e violenta como o período em que Nenê agiu.

"Em 1966, ganhei um prêmio de viagem ao exterior concedido pelo Salão Nacional de Arte Moderna. Eu teria direito a 500 dólares por mês durante dois anos. Fui para a Europa e depois de poucos meses, simplesmente pararam de me mandar a grana. Cartas e mais cartas, visitas à Embaixada, entrevistas com Adidos Culturais não adiantaram. Ai descobri que o Congresso tinha resolvido fazer contenção de despesas. Chegaram à conclusão que o Brasil estava falido, e que não poderia manter um artista plástico no exterior. Fiquei uns dez meses sem receber um tostão. Claro, tive que me virar. Dei aulas de Português, fiz desenhos, fui garçom. De repente, recebi o que me deviam, tudo de uma vez, mais de 5 mil dólares. Como já estava acostumado a viver sem o dinheiro "deles", economizei. Foi com esse dinheiro que Nenê Bandalho foi produzido".

O diretor do filme, Emílio Fontana, foi companheiro de Douglas no ginásio. Em janeiro de 68 Douglas voltaria ao Brasil, ameaçado por novo corte em sua bolsa. Em São Paulo reencontraria Emílio. "Ele tinha uma escolinha de atores", conta, "muito suburbana, as alunas eram empregadinhas, pequenas comerciárias. Cheguei com a ideia para ele, ele topou na hora, e começamos a programar o filme. Fomos procurar o Plínio Marcos, ele estava preso. Era 68, havia uma farta distribuição de cana na época, como todo mundo sabe. Não deu pra conversar com o Plínio, mas a esposa dele tinha uma sinopse que ele havia submetido para a televisão e que tinha sido recusada porque era muito "violenta". Imagine uma novela, um seriado, onde no primeiro ato, na primeira cena, um rapaz estrangula uma inocente comerciária. Não existia patrocinador que aguentasse, né?"

Alguns dias depois deste primeiro contato, Plínio saiu da cadeia. "Fomos conversar com ele. Estava furioso. Disse que história pra cinema ele não tinha, mas que havia um projeto que a televisão tinha recusado, se a gente pudesse aproveitar..."

"Era uma folha, com o resumo da história do Nenê Bandalho", conta Douglas. "Achamos fantástico. Partindo dali, poderíamos levar o caso para onde a gente queria. O Plínio é um expert em delinquência, sintetizou abrindo um leque enorme para o filme. E olha que ele não gosta de cinema..."

Cinema é uma matéria que Douglas sabe dar forma. Ano passado, O Mágico e o Delegado, de Fernando Cony Campos, foi a grande sensação do Festival de Cinema de Brasília. O que pouca gente sabe é que o primeiro longa-metragem de Cony, *Morte em Três Tempos*, foi produzido por Douglas. "Modéstia à parte, cinema é uma luta cega, e eu aguentei toda a barra da produção, foi um filme feito por nós dois, sozinhos", acentua o pintor, bacharel em jornalismo, o que o pai queria diplomado em medicina.

Quando resolveu partir para Nenê Bandalho, Douglas não procurou Cony. Reencontrou Emílio. "Ele sabia trabalhar com o ator. Eu gosto de cinema, mas, pra mim, o ator é um ingrediente. Ator é ator, como tinta é pra pintura", esclarece. "O que vale é a qualidade do diretor. Aquele sujeito que pode pegar um mocorongo e transformar num grande astro. E vice-versa. Se o diretor não tem sensibilidade, pega um ator fantástico e trabalha com ele como se produzisse um saco de feijão. O Fontana soube trabalhar com os atores. Centenas de figurantes eram necessárias. Onde encontrar? A gente ia para o arquivo dele, ficava olhando as fotos — "essa menina pode ser aquela que tá tomando banho quando o Nenê mete o pé no vidro, essa outra é a ideal para ser estrangulada no início do filme. Ai era só telefonar para as pessoas. Quer trabalhar no Nenê? ..."

Por que um artista plástico resolve produzir um filme sobre um marginal? "É simples", responde. "Quando voltei para o Brasil, estava explodindo de informação na cabeça. Sabia que não dava para ficar trancado num atelier. Fui produzir cinema para não deixar o motor esfriar. Precisava de tempo para destilar toda a carga acumulada".

Festival de Cinema de Brasília, 1981. Nenê Bandalho, depois de passar três vezes pela Censura, estava liberado, e fecharia a programação. Douglas toma um banho, faz um lanche, sai do hotel, pega o carro da Fundação Cultural e vai ver seu filme. "O que tinha de capacidade e cassete na entrada, fazendo um corredor polonês... pô, eles estão aí para me "homenagear", pensei, enquanto implorava por motorista tocar a Kombi pro Beirute, pra qualquer lugar. Esse tipo de saudação eu dispensei... Lá pelas tantas um amigo veio me contar que o filme tinha sido recolhido, tinha sido substituído na boca do túnel por Brasil Bom de Bola, e que os espectadores que pagaram ingresso pra ver Nenê não se conformavam com a entrada em

campo de um drible que eles sabiam tirar de letra..."

O filme voltou para as prateleiras da Censura, de onde saiu mais uma vez ("já estava até acostumado"), em 1977. Explicação para botar Nenê Bandalho mais uma vez na gaveta feito da boca do então Ministro Alfredo Buzaid — foi o General Bandeira quem mandou apreender. Falei com ele: "Foi o Ministro quem mandou. Só posso liberar com a contra-ordem dele". "Acontece que o Ministro Buzaid não estava nem aí, preocupado com outras questões de Justiça", esclarece Douglas com o traço simples e sintético de quem sabe que a arte responde com simplicidade aos meandros do sufoco.

Nenê Bandalho foi um dos últimos filmes exibidos no Cine Cultural, quando a sala ainda estava nas mãos da Fundação Cultural. "As poltronas estavam quebradas, os tapetes rasgados, o projetor só funcionava por milagre, ratos e baratas disputavam cada centímetro do espaço, o banheiro era território incontestável... foi assim que vi Nenê Bandalho exibido num cinema pela última vez".

Agora, curiosidade. Nenê Bandalho, o espantinho, reaparece. "Ele está mais atual do que nunca. A marginalia brasileira não mudou. Pelo contrário, o que era exceção virou regra".

Humano, violento, inesperado. Sem dúvida, os adjetivos que colorem o Brasil de 1984, onde se mata por correspondência, violenta-se com promessas e acorda-se impotente, por causa de um sonho de infância. Brasil Bandalho.

"Nenê 84 seguramente teria mais know-how", antecipa Douglas. "Seria a favor de eleições diretas, mantendo sua condição de alienado consciente. Não votaria, já que é analfabeto". Para checar o itinerário deste bandido sem luz vermelha, Nenê acontece hoje no Cine Brasília. Humano, violento e inesperado.

Manel Henriques